

Rui Knopfli foi um dos poucos poetas moçambicanos que fizeram da actividade cultural quase que uma profissão. Além de poeta perserverante, rigoroso e exigente, revelado desde o início dos anos 50, foi um notável animador literário na Imprensa, através da crítica, da divulgação, do comentário. Desta actividade, desenvolvida com grande intensidade ao longo da década de 60, não ficaram ausentes famosas polémicas. Alfredo Margarido, o jornalista Santos Ribeiro, do «Notícias», Rodrigues Júnior, foram algumas das «vítimas» da ironia implacável, azeda e contundente deste poeta que, no entanto, sempre pareceu lançar um manto protector sobre os escritores moçambicanos surgidos da necessidade de dar expressão à voz africana. Leiam-se as referências, ainda que breves, a Rui de Noronha, João Dias, Luís Bernardo Honwana, sem esquecer a admiração e respeito que manifestava por José Craveirinha.

Dir-se-ia haver em Knopfli uma profunda compreensão do processo doloroso que engendrava a literatura num espaço de conflito total: histórico, social, linguístico, psíquico.

Esta atitude transitou para grande parte da sua escrita poética. Não se trata de uma projecção autobiográfica. Trata-se, isso sim, da apropriação estética de uma realidade, através da assumpção emblemática da história e da construção de um eu masoquista, imerso na angústia, (des)articulando-se do real através de uma linguagem petrificada, conduzida ao mínimo, ao ínfimo, quase ao silêncio. Construída sobre a imagem da dualidade, entre o Reno e o Incomáti, as micaias e a rosa, o preto e o branco, o verso e o anverso, a obra poética de Rui Knopfli constitui património de duas literaturas: a portuguesa e a moçambicana. Porque se aquela o reclama hoje como seu grande poeta a esta ele não pode recusar-se.

Rui Knopfli reside em Londres, desde 1975.

## ELEMENTOS PARA UMA VISÃO RETROSPECTIVA DA OBRA

### NATURALIDADE

Europeu, me dizem  
Eivam-me de literatura e doutrinas

européias  
e europeu me chamam.

Não sei se o que escrevo tem a raiz de algum pensamento europeu.  
É provável... Não. É certo,  
mas africano sou.  
Pulsa-me o coração ao ritmo dolente  
desta luz e deste quebranto.  
Trago no sangue uma amplidão  
de coordenadas geográficas e mar Índico.  
Rosas não me dizem nada,  
caso-me mais à agrira das micaias  
e ao silêncio longo e roxo das tardes  
com gritos de aves estranhas.

Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.  
Mas dentro de mim há savanas de aridez  
e planuras sem fim  
com longos rios langues e sinuosos,  
uma fita de fumo vertical,  
um negro e uma viola estalando

in «O país dos outros», 1959)

### UM MITO PARA JOTA JOTA

*texto dedicado a José Craveirinha*

«Os mitos não têm idade. Ao sol violento dos trópicos, prometeu mais moreno apenas, enfrenta agrilhado, como sempre, as bicadas do pássaro de presa.

O urubu — pela pelagem, pelo cheiro, pelo pescoço, é urubu na certa — tasca-lhe no fígado e na rinzada. E prometeu nada. Pois se não pode! Passarão amestrados em gaiolas douradas, pássaro de costas quentes, dá-lhe com ganas e sabe por onde lhe dá. Nem por isso a bicada é menos mitológica e menos verdadeira:

«Filhos cegos dos gregos/a noite do seu dia é que nos vê (Alberto de Lacerda)».

in «O País dos Outros», 1959

### O SILOGISMO NOCTURNO

Duramos através da noite  
a escutar-lhe os segredos possíveis.  
A realidade húmida do palato,  
a superfície estranha dos dentes,  
pesam sobre a língua gradosa  
uma outra dimensão. Toda  
a importância escura  
de um povo nos assoma  
e, transidos, escutamos o latejar  
elástico das sombras na sombra.  
E não são imaginados espectros, são dedos  
frios desfibrando, agudos, o sono  
da consciência. São finas lâminas,  
facas de agoiro, penetrando a carne  
do remorso. Um povo escuro  
dolorosamente nos incomoda  
a tranquilidade do silogismo nocturno,  
perfeitamente nítido,  
sob o equívoco, a neurastenia,  
a insónia, o café a mais  
e o amargo sabor do tabaco.

in «Máquina de Areia», 1964

### MANGAS VERDES COM SAL

Sabor longínquo, sabor acre  
da infância a canivete repartida  
no largo semicírculo da amizade.  
Sabor lento, alegria reconstituída  
no instante desprevenido, na maré baixa,  
no minuto da suprema humilhação.

Sabor insinuante que retorna devagar  
ao palato amargo, à boca ardida,  
à crista do tempo, ao meio da vida.

in «Mangas Verdes com Sal», 2.ª ed., 1972 (1.ª ed. 1969)